

UM GREGO DAS IPUEIRAS

Nertan Macêdo

Morreu na minha província natal, o Ceará, há pouco mais de um mês, o historiador Hugo Catunda. Era um homem elegante, culto e extremamente afável, fino "causeur" socrático, com a desenvoltura e a graça dos gregos antigos, a ironia e a piedade de um velho humanista francês. Não deixou obra de relevo, mas trabalhos esparsos, quando o seu talento e a sua vasta erudição facilmente lhe teriam assegurado lugar de destaque no Olimpo dos historiógrafos nacionais e provinciais. Não o quis, não o desejou, certamente por não acreditar nas glórias e louvores deste mundo. Herdou de um tio erudito e cavalheiresco, o Senador Joaquim Catunda, a quem muito admirava, aquela "ponta" de ceticismo, própria dos espíritos formados às luzes do século passado, oscilantes entre os duros conceitos da filosofia germânica e o idealismo romântico da literatura gaulesa. Na sua mocidade viveu algum tempo no Rio de Janeiro. Dio Rio retornou para Fortaleza, cidade que amou e cultivou carinhosamente, permanecendo ali a maior parte da sua vida, não raro atribulada, ostentando sempre diante dos maus fados o silêncio e o pudor das naturezas fortes e recônditas, que sabem como ninguém sorrir com fidalguia e altivez aos tormentos do coração ensombrecido. Não era feito para confessar amarguras, tampouco transformá-las em cantochões e nênias ressentidas.

Era um bravo, um bom, um sábio desinteressado. Nos últimos anos da sua existência oitentona tomou uma decisão que define a sua personalidade admirável. Foi morar na sua cidadezinha natal, Ipueiras, e esperar a visita da morte entre os seus mortos amados, os seus ancestrais sepultados no pequeno burgo da Serra Grande, no Chapadão da Ibiapaba. Ali foi esperá-la, mandando para tanto restaurar o velho casarão paterno, onde se abrigou como viajante cansado de tantas e longínquas peregrinações. Vinha de vez em quando a Fortaleza rever e abraçar os amigos, e eram já bem poucos os dos tempos da sua mocidade. Morreu na sua Ipueiras e lá repousa agora para a eternidade.

Quando se mudou, prometeu que passaria a encher as horas de lazer escrevendo um livro sobre os idos tempestuosos da oligarquia Acioly, no Ceará, assunto que sabia minuciosamente. Não sei se realizou a promessa. Se o fez, os originais devem estar no fundo de alguma gaveta, indiferentes à boa ou má

vontade dos editores, muito de acordo com o temperamento e a maneira de ser de Hugo Catunda.

Devo a esse grande e desconhecido conterrâneo o meu ingresso na Academia Cearense de Letras, a mais antiga do Brasil. Por sua mão e desvelo fui o mais moço dos eleitos à eminente companhia de letrados "cabeças-chatas".

Foi Hugo Catunda que me saudou na posse, dia 15 de agosto de 1966, ocupando eu a cadeira de um santo do qual não sou muito devoto — pelo simples fato de ser eu próprio um ignorante da sua alta sabença jurídica: Clóvis Bevilacqua. Foi um discurso bem ao seu estilo, eu diria, à clássica maneira de sua geração — numa linguagem ática, helênica, mesmo falando de deuses de mistura com cangaceiros. Comovido, respondo à bela saudação do Mestre, dizendo-lhe: "Vossa saudação é múrmura e contagiante ao meu coração de escritor voltado para as coisas do nosso passado cearense. Não sei o que mais admiro na vossa personalidade, das mais ricas da minha província: se o imenso cabedal de sabedoria do tempo e das coisas que, sem avareza, guardais debaixo de uma autêntica modéstia, se a displicência com que espalhais ensinamentos e fatos que fazem reviver os tesouros perdidos da memória histórica da terra comum. Sois, com efeito, um Catunda, e isto quer dizer — sois um Pinto de Mesquita e um Pompeu. Vossos antepassados enchem luminosamente as páginas da crônica política, intelectual e social do Império e da República. Pelo talento, pela cultura, pelas graças do espírito destes continuidade à longa tradição de família."

A linguagem, como se vê, era necessariamente vazada nos moldes soda-lícios. Mas na verdade vinha do fundo de um então jovem coração agradecido. Na sua pobreza e modéstia, meu velho e querido amigo não conheceu em vida as opulências dos seus antepassados. Mas as tinha mesmo e com certeza em grande apreço. Amava os seus mortos pelo muito amor que eles deram ao Ceará colonial, ao Ceará dos vaqueiros e dos povoadores. Poucos cearenses amaram tão profundamente os seus mortos e a sua terra como esse inesquecível Hugo Catunda.